

## HUGO DE SAINT-VICTOR: CONSIDERAÇÕES DE UM CLÁSSICO SOBRE QUESTÕES EDUCACIONAIS

<http://dx.doi.org/10.4025/imagenseduc.v6i3.29451>

Conceição Solange Bution Perin\*  
Viviane Paes Santiago\*\*

\* Universidade Estadual do Paraná – Unespar/Paranavaí.

\*\* Universidade Estadual do Paraná – Unespar/Paranavaí.

### Resumo

Este estudo analisa a importância da escrita e da leitura e suas relações com questões educacionais no contexto da primeira metade do século XII, destacando a influência que exerceram na formação social dos homens. O propósito é refletir sobre o fato de que, nesse período, devido às alterações ocorridas no medievo, relacionadas ao renascimento das cidades e do comércio, o homem buscava um entendimento de mundo não mais se pautado somente nos ensinamentos religiosos, mas, na razão. Dessa forma, objetiva-se entender o pensamento de Hugo de Saint-Victor (1096-1141), mestre vitorino que discorria sobre a importância do estudo, da leitura e da ética na conduta humana para se alcançar a sabedoria. Para ele, pela prática do ato de ler e refletir, o homem usa a inteligência e, assim, desenvolve o conhecimento necessário para a formação moral e intelectual. Consideramos que o estudo de autores clássicos nos conduz à compreensão do passado, bem como de questões sobre a História da Educação, possibilitando uma reflexão sobre os valores que independem do período histórico para serem considerados essenciais para a formação humana.

**Palavras-chave:** Idade Média, Hugo de Saint-Victor, leitura, escrita.

**Abstract. Hugh of Saint Victor: the considerations of a classic on educational issues.** This study analyzes the importance of writing and reading and their relations with educational issues in the context of the first half of the twelfth century, highlighting the influence that they exerted in the social formation of men. The purpose is to understand that in this period, due to changes in the Middle Ages, related to the revival of cities and trade, man sought an understanding of world that was no longer ruled only on religious teachings, but also on the path of reason. Thus, our main objective is to understand the thought of Hugh of Saint Victor (1096-1141), victorine master who discoursed on the importance of studying reading and ethics in human behavior to attain wisdom. For him, by practicing the act of reading and reflecting, man made use of their intelligence, developing the knowledge to the moral and intellectual formation. In this sense, we consider that the study of the thought of classical authors leads us to understand the past and some issues dealt with on the History of Education, enabling a reflection on values that do not depend on the historical period, are essential for human development.

**Keywords:** Middle Ages, Hugh of Saint Victor, reading, writing.

### Introdução

O presente trabalho tem por objetivo tecer considerações acerca do pensamento do mestre medieval Hugo de Saint-Victor (1096-1141) e suas contribuições para a História da Educação.

O autor destaca em sua obra *Didascálicon: da arte de ler* a importância da leitura, da escrita e da ética na conduta humana para adquirir a sabedoria, e aponta a disciplina, o método e a organização como forma de alcançá-la.

Ao compreendermos que a educação perpassa o conhecimento formal, escolar e abrange a formação humana, no sentido de desenvolver/reforçar bons hábitos, costumes e valores, entendemos que Hugo de Saint-Victor atribui importância à reflexão, por meio dos estudos, pois entende que quanto mais se conhece e se instrui, mais o homem se disciplina, entende as regras estabelecidas, compreende-se como homem e entende a necessidade dos valores humanos.

Nesse sentido, questionamos: o que é necessário para a formação integral do ser humano, ou seja, para a formação que desenvolva os aspectos morais e intelectuais do homem? No que se refere à convivência em sociedade, qual o papel que a educação desempenha? O que precisamos fazer para valorizar a formação humana?

Por meio da metodologia da história social, pretendemos compreender o que nos leva a essas questões. Buscaremos respostas em autores clássicos como Hugo de Saint-Victor, dentre outros que, mesmo num passado muito distante da nossa realidade social, questionaram sobre a necessidade da formação do homem.

Para tanto, a pesquisa teve como base teórico-metodológica a análise histórica, fundamentada em autores que tratam da história social, como Bloch (2001), ou seja, nosso propósito não é investigar somente como alguma coisa aconteceu no passado, mas como podemos fazer uso desse conhecimento do passado visando compreender o futuro. O próprio Bloch (2001, p. 25) explica que “[...] a ignorância do passado não se limita a prejudicar a compreensão do presente; compromete, no presente, a própria ação”. Assim, compreendemos melhor um fato se desse já tivermos um conhecimento prévio, já que o homem, historicamente, em toda e qualquer sociedade esteve presente com suas inquietações e necessidades. Visto que o homem é o mesmo do passado e o do presente, é ele quem produz suas próprias necessidades e a cada período há mudanças na relação entre eles, o que se pode verificar por meio do comportamento que apresentam na sociedade em que estão inseridos.

Ao estudarmos um autor da Idade Média, estamos retomando o passado para que tenhamos conhecimento sobre a formação dos homens de um período histórico distinto do nosso e que, com isso, possamos entender algumas questões que envolvem a educação e presentes no nosso cotidiano. Portanto, consideramos que o estudo sobre o pensamento

de autores clássicos contribui para a compreensão do passado e de questões sobre a História da Educação, o que nos possibilita uma reflexão sobre os valores que independem do período histórico para serem considerados indispensáveis à formação humana.

Para o alcance do objetivo exposto, serão objeto de reflexão: o contexto histórico do século XII, bem como algumas alterações sociais e educacionais ocorridas na primeira metade do século XII; o papel dos intelectuais daquela época, em especial Hugo de Saint-Victor, com destaque para a sistematização do ensino proposto por ele e os elementos que contribuíram para o processo educativo; a importância da leitura dos clássicos para a formação humana.

### **Alterações sociais e educacionais ocorridas na primeira metade do século XII**

O Ocidente medieval presenciou no século XII, segundo Le Goff (2011), um período de renascimento, no qual o regime feudal havia se estabilizado, iniciando-se o desenvolvimento comercial, por meio do trabalho artesanal, o que favoreceu a criação de novas cidades e o estabelecimento de novas relações sociais. Conforme o autor, essas mudanças já estavam ocorrendo, mas “[...] o fenômeno só atinge amplitude suficiente no século XII” (Le Goff, 2011, p. 31), modificando, então, as estruturas sociais, econômicas e políticas do Ocidente.

Pirenne (1968) destaca que nesse período renasceu a atividade comercial e, em razão disso, os negócios demandavam o conhecimento da leitura, da escrita e do cálculo, pois a circulação das mercadorias e do dinheiro exigia cuidados com as correspondências e com a contabilidade dos ganhos.

De acordo com Pirenne (1968), para atender a essas necessidades, houve uma grande mudança no aspecto educacional desse período, pois, com o desenvolvimento do comércio, o conhecimento que antes só era para os clérigos, nobres e cavaleiros passou a ser privilégio dos filhos dos burgueses, mercadores e artesãos, os quais passaram a ter acesso ao ensino escolar mais amplo, que pudesse atender às demandas dessa nova sociedade que estava despontando, o que nos leva a entender que o renascimento comercial foi responsável pela criação das primeiras escolas para os filhos dos burgueses.

Devido às alterações relacionadas ao renascimento das cidades e do comércio, o homem iniciava uma busca de entendimento que

se distanciava daquele que a Igreja ensinava como único e que estava centrado nos ensinamentos religiosos. Com o comércio, os indivíduos começaram a sentir a necessidade de conhecer para além da contemplação. Pela razão, poderiam avaliar o perigo de desbravar os mares, as terras desconhecidas e de conviver com outros povos.

Observa-se que em momentos de transição, novas formas de comportamentos, interesses e atitudes despontam. No período histórico em questão, metade do século XII, as escolas mais importantes floresceram e, com elas, os intelectuais tiveram um papel significativo para a sociedade. Como diz Le Goff (2011, p. 12): “Um homem cujo ofício é escrever ou ensinar, e de preferência as duas coisas a um só tempo, um homem que, profissionalmente, tem uma atividade de professor e de erudito, em resumo, um intelectual – esse homem só aparecerá com as cidades”.

Nesse contexto, os mestres prestaram um papel essencial para a sociedade, pois trouxeram uma compreensão da realidade que levava os indivíduos a mudarem seu modo de pensar e de agir, ou seja, eles apontaram outros caminhos para que os homens pudessem compreender aquele período de transição.

### O papel dos intelectuais na Idade Média

Verger (2001), historiador francês do século XX, pontua que, com o desenvolvimento do comércio, das cidades, da vida coletiva e das novas organizações, abriu-se um espaço para questionamentos, indagações e conhecimentos. A migração da vida rural para a vida urbana intensificou-se com o renascimento das cidades. Como decorrência, o comércio começou a delinear um novo modo de se viver. A busca pelo conhecimento, pelas artes, pela filosofia, bem como o surgimento de escolas e os novos intelectuais ocorreram num período em que se necessitava de novas explicações e interpretações. Nesse sentido, Verger (2001, p. 78) ressalta que “[...] era um contexto de uma Paris em pleno desenvolvimento em que as escolas se multiplicavam e com elas mestres e intelectuais de destaque”.

A primeira metade do século XII foi o tempo dos intelectuais sublimes que lecionavam nas escolas de Paris, consideradas as mais célebres dessa época, e reuniam ao seu redor inúmeros discípulos para transmitir-lhes o conhecimento. Antes mesmo de ser um intelectual ou professor, o mestre era

reconhecido pelo seu cargo eclesiástico. Sobre Paris dessa época, Le Goff (2011, p. 39) faz a seguinte consideração: “[...] Paris deve sua fama primeira à explosão do ensino teológico, que está no topo das disciplinas escolares, porém logo, mais ainda, ao ramo da filosofia que, usando plenamente a contribuição aristotélica e o recurso ao raciocínio, faz triunfar os métodos racionais do espírito: a dialética”.

A vida em sociedade foi adquirindo novos contornos, exigindo um novo comportamento do homem cidadão e desencadeando novos pensamentos, principalmente na esfera filosófica. Portanto, as mudanças ocorridas no medievo levaram o homem a buscar outras formas de aprendizagem, já que estava se produzindo um novo modo de vida. As relações tornaram-se tão complexas que o papel dos intelectuais foi essencial para esclarecer as diferentes demandas da sociedade. De acordo com Le Goff (2011), esses intelectuais tiveram um papel importante para a sociedade, pois trouxeram outro modo de instrução que modificaria a formação e o desenvolvimento do homem.

Nesse sentido, apesar de, neste estudo, nosso foco ser o pensamento de Hugo de Saint-Victor, cabe-nos destacar um dos mais importantes intelectuais do período em questão, Pedro Abelardo (1049-1142). Para Le Goff (2011, p. 34), foi “[...] a primeira grande figura de intelectual moderno – nos limites da modernidade do século XII –, Abelardo foi o primeiro *professor*”.

A educação escolástica que o mestre Abelardo oferecia, por meio de suas aulas, tentava acompanhar o desenvolvimento da sociedade daquele período, ou seja, pelo método escolástico, fundamentado no ensino da filosofia, Abelardo tentava responder às questões postas pelos indivíduos que, como já mencionamos, encontravam-se em profundas dúvidas e indagações.

A Escolástica referencia a filosofia cristã ensinada nas escolas da época pelos mestres nomeados de escolásticos.

Nos primeiros séculos da Idade Média, era chamado de *scholasticus* o professor de artes liberais e, depois, o docente de filosofia ou teologia que lecionava primeiramente na escola do convento ou da catedral, depois na Universidade. Portanto, E. significa filosofia da escola. Como as formas de ensino medieval eram duas (*lectio*, que consistia no comentário

de um texto, e *disputatio*, que consistia no exame de um problema através da discussão dos argumentos favoráveis e contrários), na E. a atividade literária assumiu predominantemente a forma de Comentários ou de coletâneas de questões (Abbagnano, 2000, p. 37).

A Escolástica veio atender às exigências do momento, instigando nos homens a necessidade de pensar sobre a sua existência, sobre a sua relação com o mundo e sobre questões que já não podiam ser pautadas pela fé, ou seja, havia a necessidade da racionalização do pensamento.

Abelardo, pelo método dialético, tentava mostrar aos homens que eles poderiam, por meio de seus pensamentos, entender, refletir e perceber as alterações, enfim, que tinham a capacidade de ampliar o conhecimento já que possuíam a racionalidade que lhes era peculiar. O mestre mostrava, ainda, que tudo isso poderia ser conquistado pelo esforço de cada um, mediante o estudo. Dessa forma, Abelardo possibilitava aos indivíduos um novo olhar sobre os acontecimentos, conduzindo-os aos questionamentos. Assim, para Abelardo, o método era fundamental para o ensino:

O método seguido no tratamento do assunto consiste em examinar em separado, primeiramente, cada uma das noções nos seus diferentes aspectos, passando-se, depois, a um conhecimento maior delas por meio da consideração das propriedades e dos seus caracteres comuns (Lógica para principiantes, VI, 209).

O método dialético proposto pelo filósofo consistia numa forma diferente de se ensinar, pois levava os homens a debaterem sobre questões que até então eram inquestionáveis. O conhecimento era imposto pela Igreja e os indivíduos os aceitavam como verdades, sem questionamento, pois, sempre a justificativa era de ser tudo a vontade de Deus. O novo método, portanto, estava desestruturando os alicerces da sociedade daquele período, alimentados pelos mistérios da fé.

As aulas preconizadas por Abelardo eram dinâmicas, consistindo na leitura de textos e disputas por meio de discussões e reflexões, o que sanava as dúvidas que os estudantes apresentavam. Segundo Abelardo, que seguia os preceitos de Boécio, a lógica “[...] foi organizada e reduzida a certas regras das argumentações, para que não arrastasse ao erro aqueles que são excessivamente vacilantes devido aos falsos

raciocínios” (Lógica para principiantes, II, p. 208). Dessa maneira, por meio das suas argumentações, incitava os estudantes a pensar, refletir e mudar de atitude, a tentar entender a sociedade que estava num processo de mudanças. Abelardo, sem dúvida, teve um papel significativo no sentido de fazer com que os homens refletissem sobre a sua existência, sobre o mundo e tudo que os cercavam.

É nesse contexto, de anseio pelo saber, que Hugo de Saint-Victor, teólogo e filósofo agostiniano francês, contemporâneo de Abelardo, destacou-se. Sua preocupação com a importância do conhecimento o levou a formulações sobre como instruir, por meio do estudo e da leitura, tanto intelectualmente quanto moralmente. Desse modo, em 1127, apresentou sua obra clássica de introdução ao saber: *Didascálicon Da Arte de Ler*, ou seja, apresentou um programa de estudos que procurava atender às exigências do momento, levando os alunos, também, a refletirem e a questionarem.

O mestre vitorino discursava, entre outros assuntos, sobre a importância da leitura e da reta conduta humana fundamentada em princípios éticos e morais para o conhecimento divino. Contribuía, assim, para disseminar, entre os indivíduos, os bons sentimentos, os quais poderiam ser adquiridos por meio da Palavra de Deus contida nas Sagradas Escrituras e assimilada pela leitura. Vale ressaltar que a preocupação do homem medieval era a que se referia à sua salvação, ou seja, seu maior propósito e finalidade era desviar-se do caminho do pecado.

Em função disso, Hugo de Saint-Victor aponta o conhecimento como um importante caminho de condução à sabedoria:

[...] somos reerguidos pelo estudo, para que conheçamos a nossa natureza e aprendamos a não procurar fora de nós aquilo que podemos encontrar dentro de nós. A procura da Sapiência é, com efeito, ‘um grande conforto na vida’. Quem a encontra é feliz, e quem a possui é beato (Hugo de Saint-Victor, *Didascálicon*, II, p. 51).

O autor apresenta um caminho para o conhecimento pela atividade filosófica para se chegar à Sabedoria que, para ele, era a Sapiência que correspondia à nossa origem. Ele argumenta que, ao conhecermos a nossa origem, conhecemos a nós mesmos e, dessa forma,

podemos direcionar o nosso conhecimento no contato com o próximo com discernimento e, assim, dirimir os nossos atos com clareza. Nesse processo, poder-se-ia definir o caráter humano, pois, o homem, iluminado pela Sapiência, segundo o autor, tem a oportunidade de buscar o seu próprio conhecimento, no seu mais íntimo, na sua alma, pois o conhecimento lhe é intrínseco.

De acordo com o mestre vitorino, de “[...] todas as coisas a serem buscadas, a primeira é a Sapiência, na qual reside a forma do bem perfeito” (Hugo de Saint-Victor, *Didascálicon*, I, p. 47). A Sapiência, para Hugo, é a mente de Deus concedida ao homem que deve buscá-la por meio da filosofia, da reflexão.

Para o autor, a integridade da natureza humana se realiza de duas maneiras: “[...] pelo conhecimento e pela virtude, e esta é a única semelhança que temos com as substâncias superiores e divinas” (Hugo de Saint-Victor, *Didascálicon*, V, p. 61). Para ele, o homem se humaniza pelo conhecimento e prática das virtudes; e adquire a racionalidade através do intelecto e do comportamento virtuoso que o conduzem a Deus. Para o mestre medieval, a prática das virtudes seria condição indispensável para o homem viver bem; e, na sua concepção, a leitura favoreceria este aprendizado, pois, pela leitura, o homem desenvolveria seu intelecto, entenderia os preceitos postos por Deus nas Palavras e, com, isso viveria mais harmoniosamente com os demais.

Nesse sentido, ressaltamos que Hugo de Saint-Victor, apesar de ser agostiniano, embasava-se em alguns preceitos postos por Aristóteles (384-322 a.C.), por isso, apresentaremos algumas reflexões desse pensador sobre a formação humana.

Le Goff (2011) enfatiza que o conhecimento das obras de Aristóteles foi de suma importância para o desenvolvimento das ciências no medievo e muitos intelectuais se fundamentaram em seus preceitos, entre eles Hugo de Saint-Victor, especificamente no que se refere ao estudo da filosofia e à ética aristotélica, que foi de grande relevância na formação moral e educacional do homem medieval.

Aristóteles afirmava que não se poderia chegar ao conhecimento científico e nem divino se o homem não fizesse uso da ética e da sua racionalidade para entender os ensinamentos, tanto do filósofo em relação à ciência quanto aos ensinamentos das Sagradas Escrituras para se chegar ao conhecimento divino. Para tanto, o homem tinha de fazer uso da sua inteligência

para entender o que lhe era posto. Para o filósofo grego, “[...] o homem bom avalia corretamente todas as coisas, e em cada classe de coisas a verdade lhe aparece com clareza” (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, IV, p. 60). A ética aristotélica é fundada nos princípios do homem bom e virtuoso, que busca o bem de todos e age em perfeita harmonia conforme a sua razão. Isso condiz com os princípios buscados pelos cristãos na Idade Média.

Para Aristóteles, o propósito da vida humana era obter a vida boa, viver praticando o bem e de forma harmoniosa com os demais. No entanto, para que isso fosse possível, ou seja, o homem ser bom e ao mesmo tempo útil, tornava-se necessário esta prática na vida pública, até porque, ao homem cabia agir de forma boa e justa para com ele e seus semelhantes. Dessa forma, ele encontraria a felicidade.

De acordo com Aristóteles, a felicidade deveria ser partilhada por um grande número de pessoas, pois os que estivessem privados da capacidade de ser virtuoso poderiam conquistá-la por meio de estudo e esforço. Desse modo, para o pensador, se a felicidade fosse alcançada de forma natural seria melhor, mas também haveria como atingi-la por meio da inteligência do homem quando este a procurasse por meio das virtudes, a conhecesse e a praticasse. Nesse sentido, define-se qual a razão da ciência e vida política para o pensador grego, ou seja, “[...] que a finalidade da vida política é o melhor dos fins, e que o principal empenho dessa ciência é fazer com que os cidadãos sejam bons e capazes de nobres ações” (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, VIII, p. 27).

Salientamos que as atividades virtuosas, para esse filósofo, constituem a felicidade em detrimento das atividades viciosas que conduzem o homem ao caminho inverso. Por isso, a importância das virtudes fazerem parte da vida do homem, pois, conhecendo-as, ele saberá o que é bom e não se desviará desse caminho, ou seja, não se deixará levar pelos vícios, suportando tudo com nobreza. Isso acontecerá se ele for verdadeiramente bom, pois só o homem bom encontra, de fato, a Felicidade, o Bem Supremo.

Aristóteles considerava a felicidade como algo louvável e divino e, dessa forma, de acordo com o filósofo, todas as coisas eram feitas com o objetivo de alcançá-la. Desse modo, o autor escreve:

[...] as ações virtuosas devem ser necessariamente aprazíveis em si mesmas. Mas elas são, também, boas e nobres, e tem no seu mais alto grau cada um desses atributos, se o homem bom sabe julgar cerca de tais tributos; e, como dissemos, ele julga. A felicidade é, portanto, a melhor, a mais nobre e mais aprazível coisa do mundo (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, VIII, p. 26).

As virtudes são ressaltadas pelo autor como dignas de louvor, pois são frutos da felicidade – considerada o primeiro princípio e causa de todos os bens. A virtude mencionada pela ética aristotélica é aquela que se refere não só ao corpo, mas também à virtude da alma, o que é propriamente humano.

É por esse motivo que se pergunta se a felicidade deve ser adquirida pela aprendizagem, pelo hábito ou por alguma outra espécie de exercício, ou se ela nos é dada por alguma providência divina, ou ainda pelo acaso. Desse ponto de vista, a felicidade também deve ser partilhada por grande número de pessoas, pois quem quer que não esteja mutilado em sua capacidade para a virtude pode conquistá-la por meio de um certo tipo de estudo e esforço (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, XI, p. 31).

De acordo com o autor, para o homem adquirir a felicidade deveria ser formado para agir conforme a virtude que poderia ser alcançada por meio de estudo e esforço.

Isso nos remete ao pensamento de Hugo de Saint-Victor, que acreditava que quanto mais o homem estudasse, vivesse em consonância com os princípios cristãos, praticasse as virtudes, tanto intelectuais quanto morais, mais desenvolveria o intelecto, Assim, entenderia a sociedade em que estava inserido e isso lhe possibilitaria uma nova maneira de enxergar e refletir sobre as questões humanas.

### **Contribuições de Hugo de Saint-Victor para o processo da formação humana**

Hugo de Saint-Victor, expoente na história da educação no Ocidente medieval, valorizava a capacidade de ação e de contemplação do homem, ou seja, a atividade intelectual e espiritual do homem medieval. Para ele, tudo começava pelo ato de ler, sendo assim, a leitura foi apresentada pelo mestre como um caminho a

ser percorrido pelos homens na e para a formação da pessoa.

Entendemos que essa sabedoria era uma forma de ir em busca de Deus, pois aprender e, em especial, ler são modos de irão ao encontro da divindade. Portanto, esse era o entendimento dos sábios daquele contexto histórico: toda sabedoria emanava de Deus. De acordo com o pensamento vitorino, a sabedoria só era adquirida quando as pessoas se dedicavam à leitura e, conseqüentemente, ao saber. Vale ressaltar que nesse período a preocupação do homem era a salvação, ou seja, salvar-se era seu maior propósito e finalidade, o que significava desviar-se do caminho do pecado mundano para garantir a vida eterna.

O autor precisava explicitar as diferentes artes, as diferenças entre as pessoas, e a leitura era um instrumento de condução para determinar um novo comportamento entre os homens, pois o ambiente citadino do século XII o requeria. A leitura representava uma filosofia de vida; portanto, havia a necessidade de se impor regras e método para realizá-la de modo que pudesse atingir a sua finalidade. Nesse sentido, o mestre pregava que o aluno precisava ter prudência e humildade ao lidar com a leitura, ou seja, não deveria desprezar conhecimento algum, pois o desprezo caracterizava um vício: o da vaidade. Para ele, “[...] este vício da vaidade ocorre a alguns, porque olham com demasiada diligência o próprio conhecimento” (Hugo de Saint-Victor, *Didascálicon*, XIII, p. 159). O mestre aconselhava o aluno a valorizar qualquer tipo de leitura, a não desprezar nada, pois assim teria a oportunidade de distinguir o bom do ruim e construir um pensamento reflexivo. Em outros termos, para o autor, caberia ao leitor ler tudo e todos, não desmerecendo nada e nem ninguém; dessa maneira, poderia discernir o que melhor lhe coubesse quando necessário fosse.

A reflexão, após a leitura, era um ato muito destacado pelo vitorino e, sendo assim, a filosofia prestava um grande papel no sentido de investigar, de ir em busca da verdade nos pensamentos e da ética nos atos. Para Hugo de Saint-Victor, a filosofia era definida como a doutrina das coisas verdadeiras que possuía uma substância imutável. Conforme o autor, a filosofia “[...] é a disciplina que investiga exaustivamente as razões de todas as coisas humanas e divinas” (*Didascálicon*, IV, p. 59); é essencial ao pensar humano, pois é ela que rege todos os atos humanos. Ele propunha uma reflexão metódica sobre o saber do seu tempo. Isso passava, primeiramente, pelo caminho da

leitura, estabelecia novas relações e interpretações, ampliando cada vez mais a importância da leitura naquele contexto.

A proposta de ensino ministrada pelo mestre era pautada por um comportamento rigoroso, cabendo ao aluno uma postura exemplar diante do estudo, com muita disciplina e dedicação. Para tanto, o aluno deveria saber o que e em que ordem ler.

Hugo de Saint-Victor elenca três coisas necessárias aos estudantes: “1) as qualidades naturais, 2) o exercício e 3) a disciplina” (Didascálicon, VI, p. 147). Para ele, as qualidades naturais são importantes para que os alunos entendam facilmente aquilo que ouvem e possam memorizar firmemente tudo que aprenderam. O exercício é fundamental para que possam ser educadas as qualidades naturais mediante o trabalho e a persistência. A disciplina é importante para que, vivendo de modo louvável, o estudante possa harmonizar a sua conduta com o saber.

Para Hugo de Saint-Victor, a sabedoria deveria ser almejada e buscada por todos. Ele descreve como o estudante poderia usar a sua intelectualidade nos seguintes termos:

Aqueles que se dedicam ao saber teórico devem dispor de inteligência e de memória ao mesmo tempo, coisas que em qualquer estudo ou disciplina estão tão conexas que, se uma faltar, a outra não pode conduzir ninguém para a perfeição, da mesma forma que os lucros servem para nada se faltar o armazenamento e inutilmente constrói armazéns aquele que tem nada para guardar. O engenho descobre e a memória custodia a Sabedoria. [...] O exercício do engenho se dá mediante duas atividades: a leitura e a meditação. Na leitura, a partir de quanto foi escrito, ficamos formados nas regras e nos preceitos. [...] Na leitura devem ser tidos em máxima consideração a ordem e o método (Hugo de Saint-Victor, Didascálicon, VI, p. 147).

O autor esclarece que para se tornar um bom estudante seria necessário dispor de inteligência e memória, sendo que, juntas, propiciariam o conhecimento que conduziria à sabedoria. Por consequência, por meio da inteligência, seria possível conhecer e aprender; e, pela memória, conservar e relembrar o que foi aprendido. A descoberta, segundo ele, dava-se naturalmente, pois possui capacidade própria, mas poderia e deveria ser melhorada pelo uso,

com muito trabalho, dedicação e persistência. Já o exercício do engenho dar-se-ia mediante a leitura e a meditação, pois, pela leitura, o aluno tinha contato com o conhecimento que seria apreendido pela meditação.

Em relação ao modo de ler, o mestre afirmava que consistia em dividir, pois toda divisão começava das coisas finitas, progredindo até as infinitas e tudo aquilo que é finito é mais conhecido pela ciência. Logo, para o autor, a aprendizagem começava das coisas mais notáveis e pelo conhecimento delas chegava-se ao conhecimento das coisas mais ocultas. Além disso, ele asseverava que “[...] nós investigamos com a razão, à qual é próprio dividir, quando descemos dos universais para os particulares dividindo e investigando a natureza de cada coisa” (Hugo de Saint-Victor, IX, Didascálicon, p.149).

Assim, quando estamos aprendendo, devemos começar pelas coisas mais conhecidas e abrangentes, as quais devem ser determinadas. Em seguida, distinguir, pela divisão, as coisas singulares e, só então, investigar a natureza das coisas especificamente. Em suma, partir das coisas conhecidas para as desconhecidas, tudo num processo de investigação racional.

Nesse sentido, de acordo com Hugo de Saint-Victor, para que esse processo seja eficiente, tanto no estudo quanto no trabalho, ele deve ser conduzido por um método.

Deve-se saber que em qualquer trabalho são necessárias duas coisas: a aplicação do método e o método de aplicação, e estas duas coisas são tão conexas entre si, que uma sem a outra é inútil ou pouco eficiente. Com efeito, se diz que ‘a prudência é melhor que a força’, porque às vezes levantamos com habilidade os pesos que não podemos mover com as forças físicas. O mesmo de dá em qualquer estudo. Aquele que trabalha sem método, trabalha muito, sim, mas não avança e, como a chicotear o ar, espalha as forças ao vento [...]. Aquele, portanto, que em tão grande multidão de livros não mantém um método e uma ordem de leitura, este, como se vagueasse na densidade da floresta, perde o caminho do percurso certo ‘sempre estudando – como se diz – nunca chegando ao saber’ (Hugo de Saint-Victor, Didascálicon, V, p. 217).

Esta passagem explícita que, para alcançarmos um objetivo em qualquer atividade humana, temos de definir previamente o

caminho a ser percorrido, ordenadamente, por isso, torna-se indispensável adotarmos um método. Para o autor, buscar o conhecimento por meio da leitura sem uma metodologia, é dispor inutilmente de esforços, pois assim não se chega a conhecimento algum. Para ele, há a necessidade de um conhecimento sistematizado e profundo. Assim, “[...] o método é tão importante, que sem ele qualquer ócio (*dedicação ao estudo*) é torpe e todo trabalho é inútil” (Hugo de Saint-Victor, *Didascalicon*, V, p. 219). Segundo o autor, o estudante que quisesse adquirir sabedoria, deveria dedicar-se com afinco aos estudos, ou seja, era preciso muita dedicação, ordenação e disciplina. Era importante ler tudo e todos, partir sempre das coisas elementares para se chegar ao conhecimento específico e, acima de tudo, colocar em prática os conhecimentos adquiridos por meio da leitura, pois desse modo compreenderia a sociedade em que estava inserido e contribuiria com a disseminação da paz, coletividade e organização.

### A importância da leitura dos clássicos medievais

Ao lermos um clássico como Hugo de Saint-Victor, somos levados a entender a educação como algo que perpassa o conhecimento formal e abrange a formação humana. Somos levados, ainda, a refletir sobre os seus ensinamentos, tendo a oportunidade de nos conhecermos como pessoas, buscarmos a nossa identidade, aprendermos a aprender e aprendermos a ensinar, ou seja, temos a ideia do que é ser um mestre, o que torna Hugo de Saint-Victor atual.

Todavia, consideramos que se faz necessário definir quem são os Clássicos. Para Calvino:

[...] Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). [...] Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente as repele para longe. [...] É clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível. [...] os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos [...] (Calvino, 2007, p. 09).

Como afirma Calvino (2007), os clássicos nos auxiliam a compreender quem somos e aonde chegamos. Para ele, com a leitura e entendimento desses autores, conheceremos a importância de cada um deles como instrumento de acesso ao passado e às questões tratadas sobre a educação e a formação do homem. Portanto, ao refletir sobre os valores postos no passado por meio dos clássicos, é possível considerá-los como referências para o entendimento do presente.

Dessa forma, intelectuais como Hugo de Saint-Victor contribuíram com os seus ensinamentos, fazendo propagar o conhecimento que aos poucos eram internalizados, quer fossem ensinamentos divinos, éticos e morais, desenvolvimento do raciocínio lógico, cada qual contribuiu com seus saberes, deixando-nos um legado cultural, educacional, moral e religioso que se faz presente até os dias atuais.

Os mestres da Idade Média também bebiam da fonte de sábios do passado e dos conhecimentos antigos. No entanto, o que eles pregavam e ensinavam era tudo de mais novo, pois eles acompanhavam o movimento intelectual daquele momento, eram os sábios do seu tempo. Assim sendo, autoridades como Santo Agostinho, Aristóteles, Platão e Boécio, por exemplo, serviam de fonte para esses filósofos e teólogos, na maioria das vezes. “[...] Mas modernos que absolutamente não contestam os antigos; ao contrário, imitam-nos, bebem dessa fonte, seguem as pegadas deles” (Le Goff, 2011, p. 23).

Inegavelmente, esses pensadores da Antiguidade contribuíram muito na formação dos homens no século XII, pois direcionaram a função de como educar a linguagem e o espírito, assim, por meio dos preceitos estabelecidos por eles, no passado foram alicerçados os parâmetros para a educação daquele período medieval, ou seja, seus fundamentos possibilitavam alcançar um conhecimento moral, intelectual (filosófico) e divino. Sob o mesmo ponto de vista, Le Goff (2011) afirma que embora os intelectuais do século XII estivessem em busca da construção de novos saberes e, conseqüentemente, de homens novos para a sociedade que estava nascendo, não abriam mão dos conhecimentos antigos. E isso pode ser constatado por meio da tão famosa frase do medieval Bernardo de Chartres (apud Le Goff, 2011, p. 25) “[...] Somos anões empoleirados nos ombros de gigantes. Assim, vemos melhor e mais longe do que eles, não porque nossa vista

seja mais aguda ou nossa estatura mais alta, mas porque eles nos elevam até o nível de toda a sua gigantesca altura”.

Destarte, compreendemos que os intelectuais fizeram uso dos ensinamentos dos antigos e com isso desenvolveram novos saberes, o que nos leva a refletir o quanto esses autores da Antiguidade e da Idade Média têm a contribuir nos dias de hoje, ou seja, o quanto hoje, momento de transição social, econômico, político e religioso somos necessitados de reflexão, de nos atermos a valores até então desgastados pelo tempo, o quanto necessitamos ter em quem nos pautar, em métodos que fizeram a diferença no passado e que poderiam ser resgatados para serem utilizados nessa nova sociedade, nessa nova educação tão esvaziada de formação e tão bombardeada pela informação.

Valores perdidos, geralmente como respeito, humildade, disciplina, coletividade e até mesmo a ‘leitura’ de livros, que hoje em dia acaba sendo substituídos, muitas vezes, pelos recursos tecnológicos, mas que refletem na educação da sociedade, e esse reflexo se dá frequentemente como espelho do educador.

Assim, entendemos que os clássicos aqui tratados não, necessariamente, devem ser imitados pelos métodos que adotaram naquele período, pois se trata de um tempo completamente distinto do nosso, século XXI, portanto condizentes com o que se exigia na época, mas por apresentarem uma nova forma de organização da sociedade. A esse respeito Bloch (2001, p. 77) afirma que, com o conhecimento das coisas do passado, podemos orientar melhor nossas ações do presente, pois “[...] a ignorância ou a inexatidão: o de uma irremediável esclerose. Sem seu socorro, com efeito, não veríamos inevitavelmente o historiador, a cada vez que se debruça sobre gerações”.

Desse modo, em virtude de seus ensinamentos, a nosso ver, os intelectuais possibilitaram aos homens conhecerem-se e educarem-se, ou seja, preocuparam-se com a formação humana. Nesse sentido, acreditamos que essa reflexão possibilita aos homens a compreensão das suas inquietações, dos desafios e das alterações que estão postas na sua época.

### Considerações finais

Podemos dizer que este estudo nos conduziu a algumas reflexões sobre a primeira metade do século XII. Procuramos analisar as alterações pelas quais a sociedade estava

passando e, com isso, compreendermos as modificações ocorridas naquele período. O século XII foi de grande importância para o conhecimento humano, o que nos possibilitou compreender que as alterações sociais ocorridas na forma de organização social contribuíram para a nova maneira de pensar e agir dos homens. A sociedade desse período questionou e apresentou dúvidas sobre o mundo e, com isso, viu possibilidades de entendê-las por meio do conhecimento reflexivo, da razão.

Com este estudo, pudemos entender que os clássicos da Idade Média contemplam exemplos de questões socioeducacionais, religiosas, morais, econômicas e políticas que favorecem a nossa reflexão sobre as alterações do contexto atual.

Nesse sentido, este estudo nos permitiu compreender que os ensinamentos de Hugo de Saint-Victor contribuíram para mudanças na educação dos homens da primeira metade do século XII, pois apontaram que o conhecimento, por meio da leitura das Escrituras, da filosofia e dos ensinamentos divinos, favorecia o aprendizado da reflexão e possibilitava o diálogo com Deus. Assim, o homem poderia corresponder às vontades do Criador contidas na Palavra Sagrada, colocando em prática os sentimentos cristãos, bem como disseminando amor, caridade e paz coletiva. O conhecimento a que nosso autor nos remete é o de o homem saber conviver em sociedade, portanto essenciais para a formação humana.

A nosso ver, Hugo de Saint-Victor foi um intelectual do século XII, que contribuiu para a sociedade da sua época, instruindo-a na busca do conhecimento e da reflexão pautados na razão. Para o mestre Vitorino, a leitura, sendo praticada com ordem e método em busca da Sabedoria, tornava-se um grande instrumento intelectual. Para ele, pela prática do ato de ler e refletir, o homem fazia uso da sua inteligência e, dessa forma, desenvolvia o conhecimento necessário para a formação moral e intelectual.

Entendemos a importância de termos abordado essa temática, por acreditarmos na contribuição desses autores no processo de formação humana. Foram homens que se preocuparam com o desenvolvimento intelectual e com o papel da razão na vida das pessoas; além disso, humanizaram o conhecimento, logo, serviram e nos servem como exemplo, pois, na atualidade, existe uma grande preocupação com esses fatores que são próprios do homem. Com eles, podemos perceber que o conhecimento deve ser pautado em valores éticos e morais, que ele pode e deve ser racionalizado; o homem terá

como refletir sobre suas ações e contribuir na organização social.

Desse modo, acreditamos que o exemplo do pensamento dos clássicos, os quais procuraram entender a educação de seu período e contribuir com suas experiências, dedicação e sabedoria, nos possibilita entender que a formação humana, conforme afirma Bloch (2001, p. 26), perpassa toda a história, pois “[...] existe na natureza humana e nas sociedades humanas um fundo permanente [...]” – o homem.

### Referências

Abbagnano, N. (2000). *Dicionário de filosofia* (5a ed.). (A. Bossi, Trad.). Porto Alegre: Martins Fontes. Recuperado em 25 outubro, 2013, de [bergmandicasedownloads.blogspot.com](http://bergmandicasedownloads.blogspot.com)

Aristóteles (2001). *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret.

Calvino, Í. (2007). *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Bloch, M. (2001). *Apologia da história: ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Recuperado em 17 abril, 2013, de <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfqH8AK/marc-bloch-apologia-historiaoficio-historiador>

Hugo de Saint-Victor (2001). *Didascálicon Da arte de ler* (A. Marchioni, Trad.). Petrópolis. RJ: Vozes.

Le Goff, J. (2011). *Os intelectuais na Idade Média*. (4a ed.). (M. de Castro, Trad.). Rio de Janeiro: J. Olympio.

Pirenne, H. (1968). *História econômica e social da Idade Média*. São Paulo: Mestre Jou.

Verger, J. (2001). *Cultura, ensino e sociedade no Ocidente nos séculos XII e XIII*. Bauru, SP: EDUSC.

Recebido em: 12/10/2015

Aceito em: 31/05/2016